



Introdução

Há orações que nascem de uma necessidade concreta, outras que brotam da contemplação de um mistério e algumas que, com o passar dos séculos, acabam por se tornar autênticas expressões da confiança de todo um povo cristão. Entre estas últimas ocupa um lugar especial uma antiga prece dirigida a São José, o castíssimo esposo da Santíssima Virgem Maria, pai legal de Jesus Cristo e guardião da Sagrada Família: Ad te, Beate Ioseph.

Esta oração, cujo nome significa «A ti, bem-aventurado São José», constitui muito mais do que uma invocação piedosa. É uma profissão de confiança na Providência divina, uma expressão da fé na comunhão dos santos e uma súplica para que o mesmo homem a quem Deus confiou o cuidado do seu Filho unigénito interceda por nós durante a nossa peregrinação terrena.

Num mundo marcado pela incerteza, pela fragilidade da família, pela perda de referências morais, pela crise da paternidade e pela dificuldade de viver uma fé coerente, São José apresenta-se com uma atualidade extraordinária. Não foi uma personagem secundária na história da salvação, nem um simples acompanhante silencioso de Maria. Foi o homem escolhido por Deus para assumir uma missão irrepetível: proteger a vida humana de Jesus Cristo, sustentar a Sagrada Família através do seu trabalho e exercer uma verdadeira paternidade legal sobre o Salvador.

A oração Ad te, Beate Ioseph convida-nos, precisamente, a contemplar esta missão e a recorrer à sua intercessão com confiança filial, sem nunca esquecer que toda a graça procede de Deus e que os santos são nossos intercessores junto d'Ele.

Mas de onde vem esta oração? O que significa realmente cada uma das suas expressões? Porque é que a Igreja recomendou recorrer a São José nas necessidades espirituais e materiais? Que relação tem esta devoção com a doutrina católica sobre a intercessão dos santos? E, sobretudo, como podemos incorporar esta antiga prece na nossa vida quotidiana para que não se transforme numa simples repetição de palavras?

Para responder a estas perguntas, é necessário aprofundar as Sagradas Escrituras, a Tradição da Igreja e a riqueza teológica e espiritual de uma oração que continua a oferecer ao cristão um caminho de confiança, fortaleza e fidelidade.



1. A origem da oração: Leão XIII e o apelo a confiar em São José

A oração Ad te, Beate Ioseph está diretamente ligada ao pontificado do Papa Leão XIII (1878-1903), uma figura de grande relevância na história da doutrina social e espiritual da Igreja.

A sua origem encontra-se na encíclica *Quamquam pluries*, publicada em 15 de agosto de 1889 e dedicada à devoção a São José. Nesse documento, o Pontífice exortou os católicos a recorrerem com confiança à intercessão do santo Patriarca, especialmente em tempos de dificuldade para a Igreja e para a sociedade. Recomendou também que se acrescentasse uma oração a São José à recitação do rosário, particularmente durante o mês de outubro.

Para compreender o sentido desta decisão, devemos situar-nos no contexto da época.

O século XIX foi marcado por profundas transformações políticas, sociais e culturais. A industrialização alterava as condições de vida de milhões de trabalhadores; as antigas estruturas sociais encontravam-se submetidas a fortes tensões, e a Igreja enfrentava controvérsias ideológicas, conflitos com diferentes poderes políticos e novas formas de contestação da religião.

Leão XIII não respondeu àquela situação apenas através de declarações doutrinárias ou de iniciativas políticas. Também quis fortalecer a vida espiritual dos fiéis, promover a oração e apontar modelos concretos de santidade.

Nesse contexto, São José adquiria uma importância especial.

A sua vida reunia qualidades de que a sociedade precisava de recuperar: fidelidade a Deus, responsabilidade familiar, laboriosidade, fortaleza perante as dificuldades, obediência à vontade divina e capacidade de agir sem procurar reconhecimento público.

O Papa via nele o esposo de Maria, o pai legal de Jesus e o guardião da Sagrada Família. Precisamente pela sua relação singular com Cristo e com a Virgem, Leão XIII considerava que São José devia receber uma veneração especial e ser invocado como protetor da Igreja.

A oração surgiu, portanto, de uma convicção profundamente católica: quando as circunstâncias se tornam difíceis, o cristão não deve limitar-se a confiar nas suas próprias forças, mas deve recorrer a Deus e pedir a intercessão daqueles que viveram santamente unidos a Ele.



Não se trata de substituir a responsabilidade pessoal pela oração, nem de esperar passivamente que os problemas desapareçam. Trata-se de reconhecer que a vida cristã é uma colaboração entre a graça divina e a resposta livre do homem.

Esta oração destina-se exclusivamente ao mês de outubro?

Não. Embora Leão XIII tenha recomendado de modo especial a sua recitação depois do rosário durante o mês de outubro, a oração pode ser rezada em qualquer altura do ano.

É particularmente apropriada durante o mês de março, tradicionalmente dedicado a São José, por ocasião da sua solenidade, a 19 de março, assim como no dia 1 de maio, quando a Igreja celebra São José Operário.

Também pode ser rezada em situações de doença, dificuldades económicas, conflitos familiares, incerteza profissional, tentações, perseguições contra a Igreja ou qualquer circunstância que exija fortaleza espiritual.

A recomendação de Leão XIII não pretendia encerrar a devoção num calendário, mas incorporá-la na vida habitual do católico.

2. A oração completa Ad te, Beate Ioseph em latim

AD TE, BEATE IOSEPH

Oratio ad Sanctum Iosephum — Leo XIII, 1889

Ad te, beate Ioseph, in tribulatione nostra confugimus, atque, implorato Sponsae tuae sanctissimae auxilio, patrocinium quoque tuum fidenter exposcimus.

Per eam, quaesumus, quae te cum immaculata Virgine Dei Genetrice coniunxit, caritatem, perque paternum, quo Puerum Iesum amplexus es, amorem, supplices deprecamur, ut ad hereditatem, quam Iesus Christus acquisivit Sanguine suo, benignus respicias, ac necessitatibus nostris tua virtute et ope succurras.

Tuere, o Custos providentissime divinae Familiae, Iesu Christi sobolem electam; prohibe a nobis, amantissime Pater, omnem errorum ac corruptelarum luem; propitius nobis, sospitator noster fortissime, in hoc cum potestate tenebrarum certamine e caelo adesto; et, sicut olim Puerum Iesum e summo eripuisti vitae discrimine, ita nunc Ecclesiam sanctam Dei ab hostilibus insidiis atque ab omni adversitate defende; nosque singulos perpetuo tege



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 4

patrocinio, ut, ad tui exemplar et ope tua suffulti, sancte vivere, pie emori, sempiternamque in caelis beatitudinem assequi possimus.

Amen.

3. Tradução integral para português

A ti, bem-aventurado São José

A ti, bem-aventurado São José, recorremos na nossa tribulação e, depois de implorarmos o auxílio da tua Santíssima Esposa, solicitamos também, confiantes, o teu patrocínio.

Pela caridade que te uniu à Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, e pelo amor paternal com que abraçaste o Menino Jesus, humildemente te suplicamos que volvas benignamente o teu olhar para a herança que Jesus Cristo adquiriu com o seu Sangue e que socorras as nossas necessidades com a tua virtude e o teu auxílio.

Protege, providentíssimo Guardião da Sagrada Família, a escolhida descendência de Jesus Cristo; afasta de nós, amantíssimo Pai, toda a mancha de erro e corrupção; assiste-nos propício desde o Céu, fortíssimo protetor nosso, nesta luta contra o poder das trevas.

E, assim como outrora livraste o Menino Jesus do iminente perigo de vida, defende agora a santa Igreja de Deus das ciladas dos seus inimigos e de toda a adversidade. Cobre também cada um de nós com o teu perpétuo patrocínio, para que, sustentados pelo teu exemplo e pelo teu auxílio, possamos viver santamente, morrer piedosamente e alcançar a eterna bem-aventurança nos Céus.

Amém.

Nota textual: existem pequenas variantes entre as traduções portuguesas, como «patrocínio» ou «proteção», e diferentes formas de traduzir a expressão latina sobolem electam. Mantém-se aqui uma tradução tradicional que procura conservar o sentido teológico do original latino.

4. O que significa realmente «Ad te, Beate Ioseph»?

As primeiras palavras da oração já contêm um ensinamento espiritual.

Ad te significa «a ti»; beate é o vocativo de beatus, «bem-aventurado» ou «santo»; e Ioseph é a forma latina do nome José.



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 5

A expressão completa significa, portanto, «A ti, bem-aventurado São José».

Não é uma fórmula mágica nem uma invocação destinada a produzir resultados automáticos. É uma oração de súplica, dirigida a um santo que vive na glória de Deus, para pedir a sua intercessão.

A palavra beate também não é um simples tratamento honorífico. Recorda que São José pertence à comunhão dos santos e que a sua verdadeira grandeza não provém dos critérios do mundo, mas da sua fidelidade a Deus.

O título convida-nos, além disso, a dirigir o nosso olhar para um homem que quase não pronuncia palavras nos Evangelhos e que, apesar disso, ocupa um lugar singular no mistério da Encarnação.

São José não escreveu um Evangelho. Não pregou publicamente na Galileia. Não aparece entre os apóstolos que acompanharam Jesus durante o seu ministério. Não deixou registo de discursos memoráveis.

A sua missão desenvolveu-se principalmente no silêncio da vida familiar, no trabalho quotidiano, na obediência e na proteção daqueles que Deus confiou ao seu cuidado.

É precisamente aí que reside uma das lições mais importantes da sua santidade: a grandeza cristã não depende da notoriedade, mas da fidelidade a Deus na missão concreta que cada um recebeu.

Numa cultura dominada pela exposição permanente, pela procura de aprovação e pela necessidade de demonstrar continuamente o próprio valor, São José recorda-nos que também existe uma santidade escondida, real e fecunda, que não precisa de aplausos para dar fruto.

5. «In tribulatione nostra confugimus»: recorrer a São José nas nossas tribulações

A oração começa com uma expressão de grande profundidade:

«Ad te, beate Ioseph, in tribulatione nostra confugimus».

«A ti, bem-aventurado São José, recorremos na nossa tribulação».



Não dizemos que recorremos a ele apenas quando tudo corre mal, nem que São José é um recurso de última hora, depois de termos esgotado todas as soluções humanas. A expressão manifesta uma atitude permanente de confiança perante as dificuldades da existência.

A palavra latina tribulatio designa uma situação de angústia, provação, aflição ou sofrimento. Pode referir-se a uma perseguição exterior, mas também às dificuldades interiores que a alma experimenta: a incerteza, o medo, a tentação, o desânimo, a dor pelos pecados cometidos ou a preocupação com o futuro.

A oração não pretende ocultar nenhuma destas realidades. Parte de uma verdade que o cristianismo nunca negou: viver neste mundo implica atravessar dificuldades, mesmo para aqueles que procuram seguir fielmente a Deus.

São José também conheceu a tribulação

Por vezes, podemos imaginar a Sagrada Família como uma imagem imóvel, alheia aos problemas concretos da existência humana. Contudo, os Evangelhos apresentam São José a enfrentar situações que exigiam discernimento, sacrifício e decisões difíceis.

São Mateus relata que, quando José soube que Maria esperava um filho antes de viverem juntos, se encontrou perante uma situação dolorosa que não compreendia plenamente. O Evangelho apresenta-o como um homem justo que, antes de receber a revelação do anjo, procurava agir sem a expor à desonra pública (Mt 1,18-19).

Depois, recebeu em sonho a mensagem divina:

«José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa» (Mt 1,20).

José teve de escutar, acreditar e agir. O Evangelho não descreve uma discussão prolongada nem um discurso seu. Afirmar simplesmente que fez aquilo que o anjo do Senhor lhe tinha ordenado (Mt 1,24).

Mais tarde, quando Herodes ameaçou a vida do Menino, o anjo voltou a adverti-lo:

«Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito» (Mt 2,13).



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 7

| 2,13).

A resposta de José foi imediata. Levantou-se, tomou o Menino e a sua Mãe e partiu para o Egito (Mt 2,14).

Pensemos no que implicava aquela decisão. José tinha de abandonar o seu ambiente, o seu trabalho habitual e a estabilidade do seu lar. Precisava de proteger Maria e Jesus num território estrangeiro, sem saber com certeza quanto tempo duraria aquela situação.

Não nos é dito que possuísse um plano detalhado para enfrentar todas as dificuldades. Mostra-se, porém, que, quando reconheceu a vontade de Deus, agiu prontamente e com responsabilidade.

Aqui encontramos uma primeira aplicação pastoral de Ad te, Beate Ioseph: podemos recorrer a São José quando não sabemos o que vai acontecer, quando uma circunstância nos obriga a tomar decisões difíceis ou quando temos de proteger aqueles que dependem de nós.

Não lhe pedimos que elimine magicamente toda a incerteza. Pedimos-lhe que interceda para aprendermos a viver essa incerteza com fé, prudência e fortaleza.

O que significa refugiar-se espiritualmente em São José?

O verbo confugimus deriva de confugere, que significa procurar refúgio, acolher-se junto de alguém ou recorrer a um lugar seguro.

A imagem é muito expressiva. O cristão não se apresenta diante de São José como alguém que pretende controlar o futuro, mas como quem reconhece a sua vulnerabilidade e solicita ajuda.

Na espiritualidade católica, este refúgio não implica fugir da realidade. Pelo contrário, deve capacitar-nos para a enfrentar melhor.

Quem pede a intercessão de São José pela sua família deve também procurar amar, escutar, corrigir com prudência e cumprir as suas responsabilidades. Quem lhe confia as dificuldades profissionais deve agir com honestidade, perseverança e justiça. Quem lhe pede ajuda para vencer uma tentação deve cooperar com a graça, evitar as ocasiões de pecado e recorrer aos meios espirituais adequados.



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 8

A verdadeira devoção transforma a conduta.

Não recorremos a São José para deixarmos de lutar, mas para aprendermos a lutar cristãmente.

6. «Implorato Sponsae tuae sanctissimae auxilio»: a relação entre São José e a Santíssima Virgem Maria

A oração continua:

«Atque, implorato Sponsae tuae sanctissimae auxilio, patrocinium quoque tuum fidenter exposcimus».

«E, depois de implorarmos o auxílio da tua Santíssima Esposa, solicitamos também, confiantes, o teu patrocínio».

Esta frase situa a devoção a São José no contexto da espiritualidade mariana da Igreja.

O texto não apresenta José separado de Maria, como se ambos fossem figuras religiosas independentes. Contempla-os unidos pelo vínculo matrimonial e pela missão que Deus lhes confiou no mistério da Encarnação.

A Sagrada Família, unida pela vontade de Deus

O matrimónio de Maria e José ocupa um lugar singular na história da salvação.

Maria foi escolhida para ser a Mãe de Deus encarnado. José recebeu a missão de a acolher como esposa e exercer a paternidade legal sobre Jesus, protegendo e sustentando a família.

A tradição católica reconhece no seu matrimónio uma verdadeira união conjugal, vivida em perfeita castidade. A virgindade perpétua de Maria não elimina a realidade do seu matrimónio, mas manifesta a forma singular como ambos os esposos se entregaram a Deus e à missão recebida.

A união de José e Maria não deve ser entendida apenas como uma associação prática destinada a resolver necessidades materiais. É uma comunidade de vida, amor, fidelidade e serviço, ordenada à guarda do mistério de Cristo.

Por isso, quando a oração recorda a relação de José com a Virgem, evoca o conjunto da sua



vocação.

Porque devemos pedir a intercessão de Maria e também a de José?

A doutrina católica distingue entre a mediação única de Jesus Cristo e a intercessão subordinada dos santos.

São Paulo ensina:

«*Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus*» (1 Tm 2,5).

Esta afirmação é fundamental. Jesus Cristo é o único Mediador em sentido próprio e universal: pela sua Encarnação, pelo seu sacrifício redentor, pela sua morte e ressurreição, reconcilia-nos com o Pai.

A intercessão de Maria e dos santos não compete com a mediação de Cristo nem a completa como se fosse insuficiente. Depende inteiramente dela e participa dos seus frutos.

Quando pedimos a um santo que reze por nós, fazemos algo semelhante, no seu fundamento, ao que fazemos quando pedimos a outro cristão que reze por uma necessidade nossa. A diferença está em que os santos glorificados vivem já na presença de Deus e permanecem unidos a Cristo.

A Igreja ensina esta realidade através da doutrina da comunhão dos santos, expressa no Credo.

A oração a São José é, portanto, uma forma legítima de solicitar a sua intercessão, não um ato de adoração. A adoração pertence exclusivamente a Deus; aos santos presta-se veneração e à Santíssima Virgem, pela sua singular dignidade como Mãe de Deus, uma veneração especial que não se confunde com a adoração devida ao Senhor.

A confiança em Maria conduz a Cristo

A devoção tradicional não consiste em contrapor Maria, José e Jesus. Contempla-os na sua relação real dentro do plano divino.



Maria é Mãe de Deus; José é seu esposo e pai legal de Jesus; Cristo é o Filho eterno do Pai, feito homem para nossa salvação.

A família de Nazaré não constitui um conjunto de poderes celestes rivais, mas uma imagem da harmonia que nasce quando as pessoas respondem fielmente à vontade divina.

Por isso, recorrer a Maria e a José deve conduzir-nos a uma união mais profunda com Jesus Cristo, a uma maior fidelidade aos seus mandamentos e a uma vida sacramental mais intensa.

7. «Per eam caritatem»: a caridade que uniu José a Maria

O texto latino continua:

«Per eam, quaesumus, quae te cum immaculata Virgine Dei Genetrice coniunxit, caritatem...»

«Pela caridade que te uniu à Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus...».

A palavra caritas merece especial atenção. Não significa simplesmente simpatia, afeto espontâneo ou atração humana. Na linguagem teológica cristã, a caridade é a virtude sobrenatural pela qual amamos Deus acima de todas as coisas e o próximo por amor de Deus.

A oração invoca a caridade que uniu José e Maria porque o seu vínculo matrimonial foi marcado por uma entrega radical à vontade divina.

José não aparece nos Evangelhos como um homem que procure a sua própria satisfação à custa dos outros. A sua missão consiste em acolher, proteger, trabalhar e servir.

Maria, por sua vez, responde à vontade de Deus com o seu fiat: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38).

Ambos manifestam, cada um segundo a sua vocação, uma disposição interior semelhante: colocar a vontade de Deus acima das suas preferências pessoais.

Uma lição para os casais de hoje

Esta invocação é especialmente relevante para os matrimónios que atravessam crises,



desentendimentos ou períodos de incompreensão.

A vida conjugal não se sustenta apenas no sentimento inicial. Exige decisões concretas: falar com sinceridade, pedir perdão, aprender a escutar, renunciar ao orgulho, enfrentar em conjunto as dificuldades económicas e familiares e perseverar no bem mesmo quando o entusiasmo emocional diminui.

O exemplo de José e Maria não exige que os casais imitem materialmente todas as circunstâncias da Sagrada Família. O seu matrimónio foi único pela sua relação com o mistério da Encarnação. Aquilo que todos os esposos podem imitar são as suas virtudes: fidelidade, respeito, pureza de intenção, generosidade e disponibilidade para cumprir a vontade de Deus.

A oração também não deve ser utilizada para pressionar espiritualmente o cônjuge ou apresentar a própria opinião como se fosse necessariamente a vontade divina. A devoção autêntica fomenta a humildade, a escuta e a responsabilidade, não a manipulação.

Uma boa prática consiste em rezar Ad te, Beate Ioseph em conjunto, quando ambos o desejarem, e depois conversar serenamente sobre aquilo que precisa de melhorar na vida familiar.

A oração abre o coração à graça; a conversa honesta e as decisões concretas permitem que essa graça dê fruto nas relações quotidianas.

8. «Perque paternum amorem»: a paternidade de São José e o seu significado teológico

A oração prossegue:

«Perque paternum, quo Puerum Iesum amplexus es, amorem...»

«E pelo amor paternal com que abraçaste o Menino Jesus...».

Encontramo-nos perante uma das afirmações mais importantes de toda a prece.

São José não foi o pai biológico de Jesus Cristo. A conceção de Jesus foi obra do Espírito Santo no seio virginal de Maria, como proclamam os Evangelhos e confessa a Igreja.

Seria, porém, um erro concluir que José foi simplesmente uma figura decorativa ou um tutor



ocasional.

O Evangelho de São Mateus apresenta José como filho de David e esposo de Maria. O anjo ordena-lhe que receba a sua mulher e, quando o Menino nascer, lhe dê o nome de Jesus (Mt 1,20-21). Esta missão introdu-lo verdadeiramente na história familiar e jurídica de Jesus.

Na tradição católica, José é reconhecido como pai legal de Cristo e pai adotivo no sentido de uma paternidade autêntica, embora diferente da paternidade biológica. A terminologia teológica pode variar, mas o essencial é que a sua responsabilidade paterna foi verdadeira e singular.

José deu nome ao Menino, protegeu-o, levou-o para o Egito quando foi necessário, regressou com Ele e com a sua Mãe a Israel e educou-o no ambiente familiar e religioso do seu povo.

São Lucas resume os anos da vida oculta afirmando que Jesus vivia submisso a Maria e José (Lc 2,51).

Esta afirmação tem uma importância enorme. O Filho eterno de Deus, sem deixar de ser Deus, quis assumir uma verdadeira natureza humana e crescer no seio de uma família. Nessa vida humana, José desempenhou uma função paterna real.

A paternidade não consiste apenas em gerar

A paternidade humana inclui a transmissão da vida, mas não se esgota nela. Compreende também a responsabilidade, o cuidado, a educação, a proteção e a entrega pessoal.

São José representa de forma eminente esta dimensão da paternidade.

A sua grandeza não reside em ter procurado protagonismo, mas em ter aceitado uma responsabilidade extraordinária que não podia transformar em motivo de orgulho.

Não utilizou a sua missão para dominar Jesus ou Maria. Viveu-a como um serviço.

Este ensinamento tem uma relevância particular numa época em que a figura paterna pode ser enfraquecida pelo abandono de responsabilidades, pela ausência afetiva, pela confusão acerca da autoridade ou pela redução da paternidade a uma mera contribuição económica.

O exemplo de José recorda que um pai é chamado a estar presente, a proteger, a ensinar, a corrigir com prudência e a oferecer um testemunho coerente de vida.



A autoridade paterna cristã não é autoritarismo. Deve ser exercida de acordo com a justiça, a caridade e o respeito pela dignidade de cada membro da família.

Também não significa que todas estas responsabilidades pertençam exclusivamente ao pai: a mãe e o pai colaboram, de acordo com a sua vocação e circunstâncias, no cuidado e na educação dos filhos.

O que nos ensina São José a nós, que não somos pais?

O seu exemplo não está reservado àqueles que têm filhos.

Todos podemos aprender com a sua maneira de assumir responsabilidades. Um sacerdote pode contemplá-lo como modelo de serviço; um trabalhador, como exemplo de diligência; um jovem, como mestre de prudência; uma pessoa solteira, como testemunho de castidade e entrega; e uma pessoa idosa, como recordação de que a fecundidade espiritual não depende exclusivamente da atividade exterior.

Também aqueles que sofreram a ausência ou o abandono de um pai podem encontrar em São José uma figura espiritual a quem recorrer. Isto não apaga automaticamente as feridas nem substitui a necessidade de enfrentar a dor, mas pode ajudar a descobrir que a fidelidade e o cuidado paternos são bens reais, dignos de serem procurados e cultivados.

9. «Ad hereditatem quam Iesus Christus acquisivit Sanguine suo»: a Igreja, herança de Cristo

A oração pede a São José:

«Ut ad hereditatem, quam Iesus Christus acquisivit Sanguine suo, benignus respicias...»

Que olhe benignamente para «a herança que Jesus Cristo adquiriu com o seu Sangue».

A expressão não se refere a uma propriedade material. Designa o povo redimido por Cristo: a Igreja, formada por aqueles que foram chamados a participar na salvação.

A linguagem da herança aparece repetidamente nas Sagradas Escrituras. São Paulo ensina que, unidos a Cristo, os crentes são filhos de Deus e herdeiros segundo a promessa (cf. Gl 3,26-29; Rm 8,16-17).

A oração relaciona esta herança com o Sangue de Jesus Cristo porque a salvação não é uma



conquista humana nem um prémio que possamos exigir pelos nossos próprios méritos. É um dom que nasce do amor de Deus e que Cristo realizou através do seu sacrifício redentor.

A primeira carta de São Pedro recorda que fomos resgatados não com bens perecíveis, mas com o precioso Sangue de Cristo, «como de um cordeiro sem defeito e sem mancha» (1 Pe 1,18-19).

A referência ao Sangue possui, portanto, um conteúdo profundamente cristológico e eucarístico. Recorda-nos o preço da nossa redenção e a necessidade de viver de acordo com a dignidade recebida.

Porque se confia a São José a herança de Cristo?

Porque Deus lhe confiou, durante a vida terrena de Jesus, a proteção da sua família e o cuidado do Menino.

A oração estabelece uma continuidade espiritual entre aquela missão e a sua intercessão celeste. Aquele que protegeu Cristo durante a sua infância é agora invocado para interceder pela Igreja e pelos seus membros.

Isto não significa que a Igreja dependa de São José como se Cristo tivesse deixado de ser o seu Senhor. Cristo é a Cabeça da Igreja, o seu Salvador e o seu fundamento.

A intercessão de São José é inteiramente subordinada a Ele.

Uma oração pela Igreja universal

A Igreja não é apenas uma instituição humana, uma estrutura administrativa ou uma associação cultural. É o povo de Deus, o Corpo Místico de Cristo e a comunidade dos fiéis unidos pela fé, pelos sacramentos e pela caridade.

Por isso, as dificuldades que afetam a Igreja não podem ser enfrentadas apenas segundo critérios de eficácia humana. São necessários o estudo, a formação, a prudência pastoral e o trabalho bem organizado, mas também a oração, a conversão e a santidade.

Ad te, Beate Ioseph convida-nos a confiar à intercessão de São José os sacerdotes, as famílias cristãs, os religiosos, os catequistas, os missionários, os jovens, os idosos e todos aqueles que trabalham pela evangelização.

Ensina-nos também a não reduzir a oração pela Igreja a uma reação emocional perante



notícias que nos preocupam. Devemos pedir pela sua fidelidade a Cristo, pela santidade dos seus ministros, pela unidade na verdade e na caridade, pela proteção dos mais frágeis e pela conversão de todos os seus membros, começando por nós próprios.

10. «Tua virtute et ope succurras»: pedir ajuda sem cair na superstição

A oração conclui a primeira parte da súplica pedindo que São José socorra as nossas necessidades com a sua virtude e o seu auxílio.

É necessário esclarecer uma questão importante: a doutrina católica não ensina que os santos possuem um poder autónomo, independente de Deus, nem que as suas orações obrigam o Senhor a conceder qualquer pedido.

Quando a liturgia e a devoção católica falam do poder de intercessão de um santo, referem-se à ajuda que Deus concede por meio dessa intercessão.

Por isso, pedir a São José que nos ajude não equivale a atribuir-lhe uma capacidade mágica.

A superstição surge quando se considera que uma fórmula, um objeto, um número de repetições ou um ritual produzem necessariamente um resultado por si mesmos, independentemente da fé, da liberdade humana e da vontade divina.

A oração cristã, pelo contrário, é uma relação pessoal com Deus, que pode incluir legitimamente o pedido de ajuda aos santos.

Podemos pedir-lhe coisas materiais?

Sim. É legítimo confiar-lhe necessidades concretas: encontrar trabalho, sustentar a família, enfrentar uma dívida, resolver uma dificuldade doméstica, cuidar de uma pessoa doente ou conseguir uma habitação digna.

A vida espiritual não está separada das necessidades materiais. O próprio Jesus ensinou-nos a pedir ao Pai o pão de cada dia (Mt 6,11).

Devemos, contudo, pedir esses bens com uma disposição adequada. Não podemos exigir que Deus conceda tudo aquilo que desejamos nem interpretar qualquer contrariedade como um sinal de abandono divino.



Por vezes, a resposta à nossa oração chegará através de uma oportunidade inesperada. Outras vezes, manifestar-se-á na fortaleza para suportar uma provação, na ajuda de outra pessoa, numa decisão prudente ou na capacidade de aceitar uma realidade que não podemos mudar.

E haverá situações em que não compreenderemos por que razão Deus permite determinados sofrimentos.

A fé não nos obriga a fingir que compreendemos tudo. Convida-nos a confiar na sua bondade mesmo quando não dispomos de todas as respostas.

A confiança cristã não consiste em ter garantido o resultado que desejamos, mas em permanecermos fiéis a Deus enquanto procuramos o bem possível.

11. «Tuere, o Custos providentissime divinae Familiae»: São José, guardião da Sagrada Família

A segunda parte da oração começa com uma invocação solene:

«Tuere, o Custos providentissime divinae Familiae...»

«Protege, providentíssimo Guardião da Sagrada Família...».

O título de guardião descreve admiravelmente a missão de José.

Guardar não significa simplesmente possuir, controlar ou vigiar. Significa cuidar responsabilmente daquilo que nos foi confiado.

No caso de José, essa missão alcançou uma singularidade irrepetível: Deus confiou-lhe Maria e o Menino Jesus.

A fuga para o Egito: uma proteção que exige agir

O relato de São Mateus mostra José a agir perante uma ameaça concreta. Quando o anjo lhe ordena que fuja para o Egito, não responde que basta confiar em Deus para que Ele resolva o problema sem que José tenha de se movimentar.

Levanta-se e parte.



Este pormenor é essencial para uma espiritualidade equilibrada. A Providência divina não anula as causas humanas nem transforma a prudência numa falta de fé.

Se uma família se encontra em perigo, deve procurar proteção. Se alguém precisa de tratamento médico, deve recorrer a profissionais competentes. Se um trabalhador sofre uma injustiça, pode e deve procurar aconselhamento adequado. Se uma pessoa atravessa uma crise espiritual, pode recorrer a um sacerdote prudente e fiel à doutrina da Igreja.

A oração e a ação responsável não se excluem. Muitas vezes, a ação responsável é precisamente o meio através do qual chega a ajuda que pedimos.

A família cristã como lugar de proteção

O exemplo de São José convida-nos a examinar as nossas próprias responsabilidades domésticas.

Contribuímos para que a nossa casa seja um lugar onde se possa falar sem medo?

Protegemos os mais vulneráveis?

Dedicamos tempo aos nossos familiares ou deixamos que o trabalho, os ecrãs e as preocupações ocupem todo o nosso espaço interior?

Sabemos reconhecer os nossos erros e pedir perdão?

Cuidamos da formação religiosa da nossa família, não apenas através de palavras, mas também pelo exemplo?

A proteção cristã não consiste em isolar a família do mundo nem em exercer um controlo absoluto sobre os seus membros. Consiste em ajudar cada um a crescer na verdade, na virtude e na liberdade responsável.

Neste sentido, São José pode tornar-se um verdadeiro mestre da vida doméstica.

12. «Iesu Christi sobolem electam»: a descendência escolhida de Jesus Cristo

A oração pede a São José que proteja «Iesu Christi sobolem electam», expressão que pode traduzir-se por «a descendência escolhida de Jesus Cristo» ou «o povo escolhido de Jesus



Cristo».

A linguagem é figurada. Não significa que os cristãos constituam uma descendência biológica de Jesus, mas que formam o povo redimido e reunido por Ele.

São Paulo utiliza imagens familiares para explicar a nova vida recebida pela graça. Em Cristo, os crentes são adotados como filhos de Deus (cf. Ef 1,4-5).

A oração amplia, portanto, o nosso olhar. Não pede apenas proteção para a família de José no sentido doméstico, mas para toda a comunidade cristã.

Uma proteção que começa pela fidelidade à verdade

O cristão precisa de proteção contra os perigos exteriores, mas também contra as suas próprias fragilidades interiores.

Podemos sofrer pressões sociais, perseguições, zombarias ou incompreensão por causa da nossa fé. No entanto, também podemos deformar o Evangelho por orgulho, ignorância, comodismo ou desejo de poder.

A fidelidade católica não consiste em considerar automaticamente mau tudo aquilo que é novo, nem em desconfiar de qualquer pessoa que pense de maneira diferente. Consiste em permanecer unidos a Cristo e à verdade revelada, discernindo as circunstâncias à luz da fé e da razão.

São José é um modelo especialmente apropriado para esta tarefa porque a sua obediência não foi uma atitude cega perante qualquer voz humana. Nos relatos evangélicos, responde a mensagens que reconhece como provenientes de Deus e age de acordo com elas.

O seu exemplo convida-nos a formar a consciência, conhecer a doutrina católica, estudar as Sagradas Escrituras e procurar orientação espiritual prudente.

A verdadeira proteção espiritual não nos torna menos responsáveis pelos nossos atos. Ajuda-nos a viver com maior lucidez, liberdade interior e fidelidade.

13. «Omnem errorum ac corruptelarum luem»: proteção



contra o erro e a corrupção moral

A oração prossegue com um pedido particularmente atual:

«Prohíbe a nobis, amantissime Pater, omnem errorum ac corruptelarum luem».

«Afasta de nós, amantíssimo Pai, toda a mancha de erro e corrupção».

A palavra latina luem pode evocar uma praga ou um mal que se propaga. O texto utiliza uma imagem forte para exprimir o desejo de que os cristãos sejam preservados daquilo que prejudica a fé e a vida moral.

Mas de que tipo de erros fala a oração?

O seu significado não deve ser reduzido a uma lista de ideias políticas, correntes culturais ou pessoas que consideramos erradas. O sentido fundamental é espiritual e moral: pede que sejamos preservados das falsidades que nos afastam de Deus e dos vícios que corrompem o coração.

O erro doutrinal

A fé cristã não consiste em aceitar qualquer ideia religiosa que nos pareça agradável. Possui um conteúdo objetivo, transmitido na Sagrada Escritura e na Tradição apostólica, e interpretado autenticamente pelo Magistério da Igreja.

Por isso, o católico deve procurar conhecer aquilo que professa.

Não basta repetir fórmulas sem as compreender, partilhar mensagens religiosas sem verificar o seu conteúdo ou defender uma suposta tradição cujos fundamentos mal conhece.

A fidelidade à Tradição exige estudo, oração, humildade intelectual e disponibilidade para corrigir os próprios erros quando os descobrimos.

Também não significa que devemos transformar cada desacordo numa acusação de heresia. A Igreja distingue entre erros de diferente natureza e gravidade, e nem todo o erro involuntário constitui uma negação consciente da fé.

São José ensina-nos uma virtude indispensável para o discernimento: a docilidade à vontade de Deus.



A corrupção moral

A segunda dimensão do pedido refere-se aos vícios que deformam a nossa conduta.

A corrupção moral não aparece apenas em grandes escândalos públicos. Pode começar com pequenas concessões: mentir para evitar uma responsabilidade, alimentar o ressentimento, utilizar outras pessoas, justificar a impureza, desprezar os fracos ou transformar o dinheiro no critério supremo das nossas decisões.

O combate espiritual começa, muitas vezes, nas pequenas coisas.

São José não nos deixou um tratado de moral, mas a sua vida evangélica manifesta uma profunda coerência entre a fé que recebe e as ações que realiza.

Não se limita a reconhecer a vontade divina: cumpre-a.

Por isso, ao rezar esta frase, podemos perguntar-nos:

- Que hábitos estão a enfraquecer a minha vida espiritual?
- Que pensamentos alimento que me conduzem ao orgulho, à inveja ou ao desprezo?
- Em que aspetos justifico comportamentos que sei não serem retos?
- O que devo corrigir para viver com maior coerência a fé que professo?

A devoção a São José não substitui o exame de consciência, a confissão sacramental nem a luta contra os pecados pessoais. Favorece-os quando é vivida de maneira autêntica.

14. «In hoc cum potestate tenebrarum certamine»: a luta espiritual do cristão

A oração continua:

«Propitius nobis, sospitator noster fortissime, in hoc cum potestate tenebrarum certamine e caelo adesto».

«Assiste-nos propício desde o Céu, fortíssimo protetor nosso, nesta luta contra o poder das trevas».

Esta expressão pode parecer particularmente severa a uma mentalidade contemporânea que tende a considerar a linguagem do combate espiritual ultrapassada. Contudo, a luta contra o



mal ocupa um lugar central na doutrina cristã.

São Paulo escreve:

«A nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades» (Ef 6,12).

O Apóstolo não está a autorizar a hostilidade contra as pessoas. Pelo contrário, adverte que o combate espiritual não deve ser confundido com uma guerra contra outros seres humanos.

A tradição católica reconhece a existência do demónio e a realidade da tentação, mas também ensina que a vida cristã exige combater o pecado, ordenar os desejos e perseverar na graça.

O inimigo não é o próximo

Esta distinção é fundamental.

Por vezes, a linguagem religiosa sobre o combate espiritual é utilizada para alimentar o ódio, atribuir intenções malignas àqueles que discordam de nós ou apresentar qualquer dificuldade como uma conspiração diabólica.

Essa atitude não reflete o espírito de Cristo.

A luta espiritual exige combater o pecado, começando pelo nosso próprio pecado. Exige também amar o próximo, mesmo quando devemos opor-nos aos seus atos ou defender firmemente a verdade.

O cristão não está chamado a viver dominado pelo medo do demónio, mas a confiar na vitória de Jesus Cristo.

São José é invocado aqui como protetor porque, durante a sua vida terrena, respondeu prontamente às ameaças que punham em perigo o Menino e a sua família.

O seu exemplo ensina-nos a não permanecer passivos perante o mal, mas também a não nos deixarmos consumir pela angústia.



Como se trava hoje o combate espiritual?

Na prática quotidiana, esta luta inclui:

- A oração constante e a participação na vida sacramental.
- O exame de consciência e a confissão quando pecamos.
- A formação doutrinal para não sermos arrastados por erros.
- A temperança na utilização da tecnologia, dos conteúdos digitais e do entretenimento.
- A guarda do olhar, dos pensamentos e das palavras.
- A renúncia ao rancor, à soberba e ao desejo de vingança.
- A prática da caridade, especialmente para com aqueles que precisam de ajuda.

A oração a São José pode acompanhar todos estes esforços, mas não devemos transformá-la num substituto dos meios ordinários da vida cristã.

Se uma pessoa experimentar angústia intensa, pensamentos intrusivos ou sofrimento psicológico, também não deve concluir automaticamente que está sob uma influência demoníaca. Pode precisar de cuidados médicos ou psicológicos, compatíveis com uma vida de fé bem orientada.

A prudência também faz parte do discernimento cristão.

15. «Sicut olim Puerum Iesum e summo eripuisti vitae discrimine»: São José, protetor da vida

Esta é uma das imagens mais comoventes da oração:

«Et, sicut olim Puerum Iesum e summo eripuisti vitae discrimine...»

«E, assim como outrora livraste o Menino Jesus do iminente perigo de vida...».

O texto remete diretamente para a fuga para o Egito.

O Evangelho de São Mateus relata que Herodes, ao sentir-se ameaçado pelo nascimento do rei dos judeus, ordenou a morte dos meninos de Belém e dos seus arredores que correspondiam à idade indicada pelo tempo que tinha averiguado junto dos Magos (Mt 2,16-18).

José tinha recebido previamente o aviso do anjo e levava o Menino e a sua Mãe para o Egito.



A oração contempla esse episódio como uma manifestação concreta da missão protetora que Deus confiou ao santo Patriarca.

A defesa da vida como responsabilidade cristã

O episódio recorda-nos que a vida humana pode encontrar-se ameaçada pela violência, pelo abuso de poder e pela indiferença.

A fuga para o Egito não é apenas uma cena antiga. Fala-nos das crianças que sofrem violência, das famílias deslocadas pela guerra, daqueles que fogem da perseguição, dos menores desprotegidos e de todas as pessoas cuja dignidade é ameaçada pela força de outros.

A doutrina moral católica reconhece a dignidade de toda a vida humana e exige uma proteção efetiva dos mais vulneráveis.

A devoção a São José deve traduzir-se, portanto, em atitudes concretas: cuidar dos menores, denunciar os abusos pelos meios adequados, ajudar as famílias em dificuldade, defender aqueles que não conseguem proteger-se a si próprios e agir responsavelmente perante qualquer ameaça real.

Não basta venerar uma imagem do santo se permanecermos indiferentes perante o sofrimento daqueles que temos perto de nós.

São José e as famílias em perigo

A fuga para o Egito é também uma recordação para aqueles que têm de tomar decisões difíceis para proteger os seus entes queridos.

Por vezes, o dever de proteger exige mudar de ambiente, procurar ajuda, estabelecer limites ou abandonar uma situação prejudicial.

A prudência cristã não consiste em suportar tudo indiscriminadamente. Existem circunstâncias em que procurar proteção é necessário e moralmente correto.

São José não expôs o Menino a um perigo evitável apenas para demonstrar confiança em Deus. Recebeu o aviso e agiu.

Este é um ensinamento pastoral muito importante: a confiança na Providência não justifica a negligência.



16. «Ecclesiam sanctam Dei ab hostilibus insidiis atque ab omni adversitate defende»: uma oração pela Igreja

A oração pede a São José que defenda a Igreja das ciladas dos seus inimigos e de toda a adversidade.

Neste ponto, o olhar amplia-se definitivamente: das necessidades pessoais e familiares até ao destino espiritual de todo o povo de Deus.

A Igreja atravessa circunstâncias diversas ao longo da história. Em alguns lugares sofre perseguição aberta; noutros, indiferença, hostilidade cultural ou restrições à liberdade religiosa. Também enfrenta dificuldades internas que exigem conversão, reparação e reforma.

A oração não nega estas realidades. Convida-nos a enfrentá-las a partir da fé.

O que significa defender a Igreja?

Em primeiro lugar, significa pedir que permaneça fiel a Jesus Cristo e à missão que Ele lhe confiou.

Significa também rezar pelo Papa, pelos bispos, pelos sacerdotes, pelos diáconos, pelos religiosos e por todos os fiéis, para que vivam santamente e cumpram as suas responsabilidades.

Mas existe uma dimensão que não devemos esquecer: cada católico é chamado a contribuir para a vida da Igreja através da sua própria conversão.

Não podemos pedir que a Igreja seja mais santa enquanto nos recusamos a examinar a nossa própria conduta. Não podemos lamentar a falta de caridade entre os cristãos se alimentamos divisões desnecessárias. Não podemos exigir fidelidade doutrinal e, ao mesmo tempo, desprezar a verdade quando corrige os nossos próprios preconceitos.

A renovação da Igreja começa sempre por uma resposta mais fiel à graça de Deus.

A Tradição não é uma arma contra a caridade

Para aqueles que sentem uma especial estima pela liturgia tradicional, pelas antigas devoções e pela continuidade doutrinal, São José oferece um modelo de fidelidade que não



precisa de se transformar em agressividade.

A Tradição católica é uma herança que deve ser recebida, estudada, guardada e transmitida. Mas guardá-la não significa transformá-la num motivo de superioridade pessoal.

A fidelidade à verdade deve ser acompanhada de humildade, paciência e caridade.

Uma defesa da fé que perde deliberadamente a caridade corre o risco de desfigurar o testemunho cristão. Isto não significa renunciar a corrigir erros nem a denunciar injustiças. Significa fazê-lo de maneira proporcionada, justa e respeitadora da dignidade humana.

São José, que cumpriu a sua missão sem procurar protagonismo, recorda-nos que a fecundidade apostólica não se mede apenas pelo volume das nossas palavras, mas também pela coerência da nossa vida.

Uma oração especialmente oportuna em tempos de confusão

Podemos rezar Ad te, Beate Ioseph pelas vocações sacerdotais e religiosas, pela santidade das famílias, pela perseverança dos jovens, pelos cristãos perseguidos e por aqueles que abandonaram a prática religiosa.

Também podemos confiar-lhe as dificuldades das nossas paróquias e comunidades, pedindo que o Senhor conceda prudência àqueles que têm responsabilidades de governo e caridade a todos os fiéis.

A oração não nos dispensa de agir. Recorda-nos para quem trabalhamos e de onde provém a graça de que precisamos.

17. «Nosque singulos perpetuo tege patrocínio»: a proteção pessoal de São José

Depois de pedir pela Igreja universal, a oração regressa a cada um de nós:

«Nosque singulos perpetuo tege patrocínio».

«Cobre também cada um de nós com o teu perpétuo patrocínio».

A palavra patrocínium possui uma riqueza especial. Na linguagem clássica, designava a proteção que alguém oferecia a outra pessoa, especialmente a quem se encontrava numa



situação de necessidade. Na oração cristã, adquire um significado espiritual: o amparo que solicitamos através da intercessão de um santo.

O texto pede um patrocínio perpétuo, isto é, uma proteção constante. Não porque esperemos que nunca nos aconteça nada doloroso, mas porque desejamos viver sempre sob a ajuda espiritual daquele que pode interceder por nós junto de Deus.

O que podemos confiar a São José?

Praticamente todas as necessidades legítimas da nossa vida podem tornar-se matéria de oração.

A família e o matrimónio

Pela unidade do lar, pela reconciliação entre os esposos, pela educação dos filhos, pela conversão dos familiares e pela perseverança no amor cristão.

O trabalho e o sustento

Por aqueles que procuram emprego, enfrentam dificuldades económicas, desejam trabalhar honestamente ou precisam de fortaleza para cumprir as suas obrigações profissionais.

A pureza e a vida interior

Por aqueles que combatem tentações, desejam ordenar os seus afetos, lutam contra hábitos prejudiciais ou precisam de recuperar a paz de consciência através de uma conversão sincera.

A doença e a velhice

Pelos doentes, pelos idosos, por aqueles que cuidam dos seus familiares e por aqueles que temem a morte ou enfrentam a perda de um ente querido.

Em todas estas circunstâncias, o pedido deve ser acompanhado de uma disposição fundamental: aceitar que Deus conhece as nossas necessidades melhor do que nós e que a sua resposta nem sempre coincidirá com os nossos planos.

A intercessão de São José não é uma garantia de sucesso temporal. É uma ajuda espiritual para caminharmos em direção ao verdadeiro bem do homem: a sua união com Deus.



18. «Ut, ad tui exemplar et ope tua suffulti»: imitar São José, não apenas invocá-lo

Esta expressão constitui um dos pontos culminantes da oração:

«Ut, ad tui exemplar et ope tua suffulti...»

«Para que, sustentados pelo teu exemplo e pelo teu auxílio...».

Observemos que o texto une duas realidades: o exemplo do santo e a sua intercessão.

Não pede apenas que São José nos proteja. Pede que, apoiados no seu exemplo e ajudados pela sua intercessão, possamos viver de determinada maneira.

A devoção católica atinge a sua maturidade quando conduz à imitação das virtudes do santo.

Primeira virtude: a obediência a Deus

São José recebe instruções em sonhos e age de acordo com elas. Nos relatos evangélicos da infância de Jesus, não se apresenta como um homem que adia indefinidamente a sua resposta enquanto espera condições ideais.

A sua obediência é concreta.

Para nós, obedecer a Deus significa procurar conhecer a sua vontade através da oração, da Sagrada Escritura, da doutrina moral da Igreja e de uma consciência retamente formada.

Implica também cumprir os deveres do nosso estado de vida, respeitar a lei moral e abandonar os comportamentos que sabemos serem incompatíveis com o Evangelho.

Não devemos confundir a obediência a Deus com a submissão indiscriminada a qualquer pessoa que pretenda falar em seu nome. O discernimento cristão exige prudência e, quando necessário, aconselhamento espiritual.

Segunda virtude: a fortaleza

São José teve de proteger a sua família em circunstâncias adversas.

A fortaleza cristã não consiste em não sentir medo. Consiste em perseverar no bem apesar



das dificuldades.

Um pai que cumpre responsabilmente as suas obrigações, um esposo que trabalha pela reconciliação, um doente que enfrenta o seu sofrimento sem perder a esperança e um cristão que permanece fiel às suas convicções perante a incompreensão podem exercitar esta virtude.

Nem todos somos chamados a realizar grandes feitos. Todos somos chamados a não abandonar o bem quando ele exige sacrifício.

Terceira virtude: a prudência

José age em situações que exigem discernimento. Quando recebe o aviso do perigo, protege o Menino. Quando lhe é comunicado que pode regressar, inicia a viagem de volta.

A prudência é a virtude que nos ajuda a escolher os meios adequados para alcançar o bem.

Não é cobardia, indecisão ou uma forma de justificar o nosso comodismo. Também não consiste em agir precipitadamente sob a aparência de zelo religioso.

A prudência exige conhecer as circunstâncias, considerar as consequências e decidir de acordo com a razão iluminada pela fé.

Quarta virtude: a humildade

São José não procura ocupar o centro da cena. A sua vida está orientada para Jesus e Maria.

A humildade não consiste em negar os próprios dons nem em desprezar-se a si mesmo. Consiste em reconhecer a verdade sobre a nossa condição, aceitar que todo o bem provém de Deus e utilizar as nossas capacidades para servir.

No âmbito apostólico, esta virtude é especialmente necessária.

Podemos realizar uma importante obra religiosa e, apesar disso, cair na vaidade, na rivalidade ou na procura de reconhecimento. São José recorda-nos que uma obra cristã deve estar ao serviço de Deus e das almas, não da exaltação daquele que a realiza.

Quinta virtude: a laboriosidade

A tradição cristã reconhece São José como padroeiro dos trabalhadores. O seu ofício de



artesão e a sua responsabilidade de sustentar a família mostram a dignidade do trabalho honesto.

O trabalho não é apenas uma fonte de rendimento. Pode tornar-se um âmbito de santificação quando é realizado com justiça, competência, responsabilidade e espírito de serviço.

Nem todo o trabalho é necessariamente justo pelo simples facto de ser trabalho. Devem ser respeitadas a dignidade humana, os direitos laborais e as obrigações morais. Mas, quando é exercido retamente, o trabalho pode ser oferecido a Deus.

A espiritualidade de São José convida-nos a santificar também aquilo que parece ordinário: cumprir um horário, tratar bem um colega, evitar a fraude, realizar uma tarefa com cuidado e atender àqueles que dependem de nós.

19. «Sancte vivere, pie emori»: viver santamente e morrer piedosamente

A oração conclui o seu pedido com três grandes desejos:

«Sancte vivere, pie emori, sempiternamque in caelis beatitudinem assequi possimus».

«Que possamos viver santamente, morrer piedosamente e alcançar a eterna bem-aventurança nos Céus».

Estas palavras contêm uma verdadeira síntese da vida cristã.

Viver santamente

A santidade não está reservada aos sacerdotes, aos religiosos ou às pessoas que dedicam grande parte do seu tempo à oração.

Todo o batizado é chamado à santidade, cada um de acordo com o seu estado de vida.

Viver santamente significa viver na graça de Deus, praticar as virtudes, combater o pecado, amar o próximo e cumprir fielmente os deveres quotidianos.

Não implica alcançar imediatamente uma perfeição sem defeitos. A vida espiritual é um caminho de conversão no qual precisamos de regressar continuamente a Deus.



A oração a São José pode ajudar-nos a perseverar nesse caminho, especialmente quando nos sentimos fracos ou desanimados.

Morrer piedosamente

A expressão *pie emori* não deve ser interpretada como um convite a desejar prematuramente a morte nem a desprezar a vida terrena.

Significa pedir a graça de morrer reconciliados com Deus, com fé e esperança, preparados espiritualmente para nos encontrarmos com Ele.

A tradição católica contempla São José como padroeiro da boa morte. Esta devoção está ligada à tradição que o apresenta a morrer acompanhado por Jesus e Maria. Convém precisar que os Evangelhos canônicos não narram explicitamente as circunstâncias da sua morte; essa imagem provém da tradição espiritual da Igreja.

O pedido é profundamente pastoral: ninguém conhece o momento da sua morte, mas todos podemos preparar-nos para ela através de uma vida cristã coerente.

Isto inclui a oração, a confissão sacramental, a participação na Eucaristia, a reconciliação com o próximo e o abandono confiante na misericórdia de Deus.

Para quem se encontra gravemente doente, a Igreja oferece também os sacramentos e a assistência pastoral correspondentes. A Unção dos Enfermos, por exemplo, não deve ser entendida exclusivamente como um rito para os últimos instantes, mas como um sacramento destinado aos fiéis cuja saúde se encontra seriamente comprometida pela doença ou pela velhice.

Alcançar a bem-aventurança eterna

O fim último da vida cristã não é a prosperidade material, o sucesso profissional ou sequer uma existência terrena livre de sofrimento.

É a união definitiva com Deus.

A oração termina orientando-nos para essa meta: a bem-aventurança eterna.

A doutrina católica ensina que a salvação é um dom da graça divina, recebido por meio de Jesus Cristo, e que o homem é chamado a responder livremente a essa graça através da fé que atua pela caridade.



Não podemos comprar o Céu com as nossas obras nem exigí-lo como um direito adquirido pelos nossos méritos. Mas também não devemos viver com indiferença perante a graça recebida.

A esperança cristã impele-nos a perseverar, a arrepender-nos quando pecamos e a confiar na misericórdia de Deus.

Por isso, Ad te, Beate Ioseph não termina pedindo riqueza, poder ou reconhecimento. Termina pedindo para vivermos santamente, morrermos na graça de Deus e alcançarmos a vida eterna.

Esse é o seu verdadeiro critério para ordenar os bens.

20. Como rezar Ad te, Beate Ioseph na vida quotidiana?

A oração pode ser incorporada numa rotina espiritual simples e estável. Não é necessário criar um ritual complicado nem multiplicar as práticas até se tornarem difíceis de manter.

O importante é rezá-la com atenção, fé e perseverança.

De manhã: confiar o dia a Deus

Antes de começar as obrigações, dedica alguns minutos a oferecer a Deus o teu trabalho, as tuas decisões e as tuas responsabilidades. Reza a oração pedindo a São José prudência, fortaleza e fidelidade.

Pela família: pedir a graça de servir

Confia-lhe o teu cônjuge, os teus filhos, se os tiveres, e os teus familiares. Pede a graça de seres paciente, cumprires os teus deveres e contribuíres para a paz do lar.

Perante uma dificuldade: pedir discernimento

Quando tiveres de enfrentar uma decisão importante, reza devagar e depois examina as opções com prudência. Se necessário, procura aconselhamento competente.

À noite: examinar o dia

Pergunta a ti próprio se foste fiel aos teus deveres, se magoaste alguém, se precisas de pedir



perdão ou se há alguma coisa que devas corrigir. Termina o dia confiando-te a Deus e à intercessão de São José.

Uma maneira simples de rezá-la em cinco passos

1. Faz o sinal da cruz e recolhe interiormente os teus pensamentos.
2. Formula uma intenção concreta: a Igreja, a família, o trabalho, uma pessoa doente ou a tua própria conversão.
3. Reza integralmente Ad te, Beate Ioseph, em latim ou em português.
4. Guarda alguns instantes de silêncio e pensa numa virtude de São José que precisas de praticar.
5. Conclui com o Pai-Nosso, a Ave-Maria ou uma breve oração espontânea.

Esta estrutura é uma proposta devocional, não uma obrigação litúrgica.

É necessário rezá-la em latim?

Não. A oração pode ser legitimamente rezada em português ou noutra língua que compreendas.

O latim possui um valor especial na tradição litúrgica e devocional da Igreja ocidental. A sua utilização permite conservar uma formulação tradicional e partilhar a mesma oração entre católicos de diferentes países.

Mas a língua, por si só, não garante uma maior santidade. Uma oração em latim recitada distraidamente não é necessariamente mais proveitosa do que uma oração em português rezada com atenção e fé.

Se escolheres o latim, procura conhecer o significado das palavras. Dessa forma, a repetição transforma-se numa verdadeira meditação.

21. Ad te, Beate Ioseph depois do rosário: uma prática recomendada por Leão XIII

Um dos aspetos históricos mais interessantes desta oração é a sua relação com o santo rosário.

Na encíclica *Quamquam pluries*, Leão XIII recomendou acrescentar a prece a São José no final do rosário, particularmente durante o mês de outubro. Não se trata de uma coincidência:



ambas as devoções partilham uma profunda orientação cristológica e mariana.

O rosário contempla os principais mistérios da vida de Jesus Cristo na companhia da Santíssima Virgem. A oração a São José amplia essa contemplação, recordando o homem que recebeu a missão de proteger o Menino e a sua Mãe durante os primeiros anos da vida terrena do Salvador.

Pode ser especialmente apropriada no final de um rosário rezado por:

- A santidade das famílias e a proteção das crianças.
- As vocações sacerdotais e religiosas.
- A perseverança daqueles que atravessam provas.
- A conversão dos pecadores e a reconciliação dos matrimónios.
- A Igreja, o Papa e todos aqueles que anunciam o Evangelho.
- A preparação para uma boa morte.

No caso de um rosário comunitário, também pode servir como oração final comum, desde que se mantenha o carácter próprio da devoção e se respeitem as disposições litúrgicas aplicáveis.

Esta oração tem indulgência?

Sim, a recitação devota desta oração está associada a uma indulgência parcial, de acordo com as disposições vigentes do Enchiridion Indulgentiarum. Contudo, não convém repetir sem verificação as antigas concessões numéricas de indulgências que aparecem em textos históricos.

Uma indulgência não perdoa automaticamente os pecados nem substitui a confissão sacramental. Refere-se à remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados cuja culpa já foi perdoada, segundo a doutrina católica.

Para conhecer as condições aplicáveis a uma indulgência plenária ou parcial, é necessário consultar as normas vigentes da Igreja e as condições particulares da concessão correspondente.

22. A atualidade de São José: uma resposta cristã às crises do



nosso tempo

A devoção a São José não é uma nostalgia de épocas passadas. A sua figura oferece uma resposta espiritual a questões muito atuais.

Numa sociedade dominada pelas aparências, José ensina o valor daquilo que permanece oculto

Vivemos rodeados de imagens, opiniões e estímulos que competem constantemente pela nossa atenção. É fácil chegar a pensar que uma vida só tem valor quando é reconhecida pelos outros.

São José contraria essa lógica.

A sua grandeza não depende da fama, mas da sua relação com Cristo e da fidelidade com que cumpriu a sua missão.

O cristão pode aprender com ele a praticar o bem sem transformar cada ação numa oportunidade para obter aprovação.

Numa cultura de imediatismo, José ensina a perseverança

A vida familiar, o trabalho e o crescimento espiritual exigem tempo.

Nem todas as dificuldades desaparecem depois de uma oração, nem todas as virtudes se adquirem em poucas semanas. A perseverança cristã consiste em continuar a fazer o bem, mesmo quando os resultados são lentos ou pouco visíveis.

São José recorda-nos que a santidade se constrói, em grande medida, através de atos ordinários repetidos com amor e fidelidade.

Perante a crise da família, José ensina a proteger e servir

O lar cristão não é um espaço onde as pessoas têm de representar um papel perfeito. É uma comunidade de vida na qual se aprende a amar, a perdoar, a corrigir e a crescer em conjunto.

José não foi chamado a uma vida confortável. A sua vocação foi marcada por responsabilidades e provações.



O seu exemplo convida-nos a recuperar uma paternidade responsável, uma vida matrimonial fiel e uma educação que transmita tanto conhecimentos como virtudes.

Perante a incerteza económica, José recorda a dignidade do trabalho

A tradição católica contempla São José como padroeiro dos trabalhadores.

O seu ofício ajuda-nos a reconhecer que o trabalho honesto possui um valor que vai além do salário. Através dele, sustentamos as nossas famílias, servimos os outros e desenvolvemos capacidades recebidas de Deus.

Isto não significa justificar condições laborais injustas nem glorificar o esgotamento. A dignidade do trabalho exige também descanso, segurança, justiça e respeito pela pessoa.

Perante a confusão espiritual, José ensina a escutar Deus

São José não aparece como um homem que pretenda compreender tudo por si próprio.

A sua resposta à revelação divina mostra uma fé que escuta e age.

Para o cristão de hoje, esta atitude exige recuperar o silêncio interior, ler a Escritura, conhecer a doutrina da Igreja e examinar honestamente as próprias motivações.

Nem toda a opinião popular é verdadeira, mas também nem toda a novidade é necessariamente contrária à fé. O discernimento deve ser exercido com fidelidade doutrinal e prudência, evitando tanto a credulidade como o preconceito.

23. Uma proposta de devoção: sete dias com São José

Para aqueles que desejam aprofundar esta oração, pode ser útil dedicar uma semana à meditação dos seus principais ensinamentos. A proposta seguinte é uma prática privada de devoção, não uma novena oficial nem uma fórmula obrigatória da Igreja.

Dia 1 — A confiança nas tribulações

Leitura bíblica: Mateus 1,18-25.

Intenção: Pedir fortaleza perante uma dificuldade concreta.



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 36

Dia 2 — A fidelidade conjugal

Leitura bíblica: Lucas 1,26-38; Mateus 1,24.

Intenção: Confiar os matrimónios e as famílias à intercessão de São José.

Dia 3 — A paternidade e a proteção

Leitura bíblica: Mateus 2,13-15.

Intenção: Rezar pelas crianças e pelos mais vulneráveis.

Dia 4 — A prudência nas decisões

Leitura bíblica: Mateus 2,19-23.

Intenção: Pedir luz para tomar uma decisão responsável.

Dia 5 — O trabalho e a responsabilidade

Leitura bíblica: Colossenses 3,23-24.

Intenção: Oferecer o trabalho a Deus e pedir justiça laboral.

Dia 6 — A fidelidade no combate espiritual

Leitura bíblica: Efésios 6,10-18.

Intenção: Pedir ajuda para vencer um hábito prejudicial.

Dia 7 — A boa morte e a vida eterna

Leitura bíblica: Romanos 8,14-17.

Intenção: Confiar os doentes, os defuntos e a própria perseverança cristã.

Todos os dias: faz o sinal da cruz, lê a passagem bíblica, medita durante alguns minutos, reza Ad te, Beate Ioseph e conclui com um propósito concreto de vida cristã.

O mais importante não é completar a semana como se se tratasse de um exercício mecânico.



É permitir que a oração ilumine decisões e atitudes reais.

24. São José, guardião de Jesus e mestre da vida cristã

Ao chegarmos ao final desta reflexão, podemos compreender melhor por que razão Ad te, Beate Ioseph ocupa um lugar tão significativo na espiritualidade católica.

A oração começa na tribulação, passa pela contemplação da relação de José com Maria e Jesus, estende-se à proteção da Igreja e termina com o pedido da santidade, da boa morte e da vida eterna.

A sua estrutura não é casual.

Ensina-nos a apresentar as nossas necessidades pessoais a Deus sem esquecer as necessidades dos outros. Convida-nos a pedir ajuda sem cair na superstição. Recorda-nos que a verdadeira devoção deve conduzir à imitação das virtudes do santo e orienta-nos para o fim último da nossa existência.

São José foi um homem justo que aceitou uma missão extraordinária sem procurar protagonismo. Protegeu o Menino Jesus, acolheu Maria, trabalhou para sustentar a sua família e obedeceu à vontade de Deus em circunstâncias difíceis.

Não conhecemos todas as circunstâncias da sua vida. Os Evangelhos guardam silêncio sobre muitos pormenores. Mas aquilo que nos transmitem é suficiente para reconhecer a profundidade da sua vocação.

A Igreja contempla nele um protetor de singular importância, não porque substitua Cristo, mas precisamente pela relação excecional que teve com o Salvador e com a sua Mãe.

Recorrer a São José significa pedir que a sua intercessão nos ajude a seguir Jesus Cristo com maior fidelidade.

Significa aprender a trabalhar sem vaidade, a proteger sem dominar, a obedecer sem cobardia, a perseverar sem desespero e a viver com o olhar posto na eternidade.

Num mundo que tantas vezes confunde a força com a violência, a autoridade com o domínio e o sucesso com a notoriedade, São José oferece-nos uma imagem diferente da grandeza humana: a do homem que coloca as suas capacidades ao serviço de Deus e daqueles que lhe foram confiados.



Ad te, Beate Ioseph: a oração milenar que coloca a Igreja sob a proteção do homem justo que guardou Jesus | 38

Por isso, quando rezarmos Ad te, Beate Ioseph, não peçamos apenas que desapareçam as nossas dificuldades. Peçamos também a graça de nos tornarmos pessoas mais justas, mais prudentes, mais fiéis e mais caridosas.

Que o santo Patriarca interceda pelas nossas famílias, pela Igreja e por todos aqueles que atravessam momentos de tribulação. Que nos ajude a guardar a fé recebida, a cumprir os nossos deveres e a permanecer firmes na esperança cristã.

E que, no final da nossa peregrinação terrena, possamos alcançar aquilo que a oração exprime nas suas últimas palavras: a eterna bem-aventurança nos Céus.

Oração final

Glorioso São José, providentíssimo Guardião da Sagrada Família, ensina-nos a confiar em Deus no meio das tribulações, a cumprir fielmente os nossos deveres e a proteger com caridade aqueles que Ele colocou sob o nosso cuidado.

Intercede pela Santa Igreja, pelas famílias, pelos trabalhadores, pelos doentes e por todos aqueles que precisam de consolo e fortaleza.

Alcança-nos a graça de uma fé firme, de uma consciência reta, de um coração humilde e de uma vida perseverante no bem.

Que, seguindo o teu exemplo e sustentados pela tua intercessão, possamos viver santamente, morrer na graça de Deus e alcançar a felicidade eterna no Céu.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Ad te, beate Ioseph, confugimus.

A ti, bem-aventurado São José, recorremos.

São José, guardião da Sagrada Família, rogai por nós.